

KAMPER, Dietmar. O trabalho como vida. São Paulo: AnnaBlume, 1997. Organização de Cleide Riva Campello (Coleção Ensaio) 70p.

O professor Dietmar faz parte de um grupo, infelizmente, ainda pouco conhecido do público brasileiro. Seu livro é resultado de palestras e cursos, quando da sua vinda ao Brasil. Até então, sua temática poderia ser conferida apenas em alemão. Porém, informa a editora que uma segunda reimpressão está a caminho, o que é sinal da grande aceitação pelo público brasileiro.

O autor foi descoberto, talvez por acaso (e ainda bem que, em toda criatividade, existe o acaso), pelo Prof. Dr. Norval Baitelo Jr. (atual diretor da Faculdade de Filosofia e Comunicação da PUC/SP) em suas viagens de estudo pela Alemanha. Eis seu testemunho: “Em meio a uma enxurrada de convencionalismos e clichês acadêmicos e pouca imaginação, descobro um tal Dietmar Kamper, do Instituto de Sociologia, que organizava um ciclo de palestras (em alemão Ringvorlesung, “preleções em anel”) chamado Teoria da Fantasia...Guardei comigo, em minha anonimidade de estudante de outra área, ocupado em escrever minha tese de doutorado, a boa lembrança da profundidade das reflexões feitas nas Ringvorlesungen, um pensamento circular, grávido de poesia e beleza” (p.7).

Do acaso nasceu o convite para o curso no Brasil, que encantou o Prof. Kamper, com sua diversidade de iluminação, cores, pessoas, cultura, etc. Do curso transcrito nasceu o livro que ora resenhamos. Uma possibilidade para apre(e)nder uma nova relação com o trabalho.

Predomina, no texto, a linguagem oral e informal, pontuada de repetição, típica dessas circunstâncias. Didaticamente o Prof. Kamper dividiu a obra em:

1) Trabalho como culto; 2) Trabalho e jogo; 3) Trabalho e lazer; 4) O trabalho, o amor e a morte; 5) As transformações do trabalho e Conclusão. Esta divisão, ainda que didática, pode ser abolida, deixando ao leitor a tarefa de criar seus próprios títulos. Isto porque o autor constrói seu discurso como um artesão, com ritmo e segurança, e o desfecho vai-se mostrando, deixando o leitor na expectativa do próximo passo.

O ponto de partida é a hipótese de que, hoje, o trabalho se tornou incomensurável na vida das pessoas e, assim, aponta três questões: 1) Como é possível que operários, cujos avós precisavam ser espancados para ir ao trabalho na segunda-feira, suportam, hoje, uma greve de fome de cem dias de duração, para conservar

um empreguinho miserável? 2) Como é possível que o trabalho se tenha transformado em único registro de organização social? E como se explica que o trabalho não dispõe mais de qualquer instância contrária que possa ser levada a sério? 3) Como se explica que uma sociedade que apostou tudo, tudo mesmo, na carta trabalho, agora, se veja obrigada a rasgar esta única carta, a única carta do seu jogo e, assim, fazer com que o trabalho e, por conseguinte, a identidade sejam desvalorizados?

São três questões instigantes que nos fazem refletir sobre o próprio cotidiano, mesmo com o alerta do autor de que elas são resultado da experiência concreta na Europa dos anos 90. Afinal, o processo de trabalho pós-fordista é mundial.

A partir daí, começa a desenvolver os tópicos do sumário, utilizando-se de vários autores da filosofia e literatura como Nietzsche, Goethe, Borges, Schiller, Adorno, Kierkegaard, Bataille, Kuernberger, para comprovar sua hipótese. Deste último, uma citação interessante do livro de 1860, **Europeu Cansado da América**: “Permaneçam na Europa, nesta Europa calma e idílica, não imigrem para os Estados Unidos que é um país que se caracteriza por uma velocidade e por um andamento artilheirando o insuportável da vida” (p. 33).

Kuernberger havia migrado para os EUA e não conseguiu êxito. Voltando à Alemanha, escreveu o livro sobre o lado negativo de viver na América do Norte.

O ponto alto da obra de Kamper está na reflexão que faz, quando aborda as transformações do trabalho, criando três sonhos que mostram a profundidade de sua percepção da sociedade atual: 1) Seria o mundo real o resultado daquele sonho que Deus tem acerca do homem? 2) Não poderíamos supor que o universo simbólico resulta do sonho que os homens têm acerca das máquinas? 3) E será que não poderíamos dizer que o universo imaginário é o resultado daquele sonho que a máquina elabora acerca de Deus? (p. 63). E reelabora: “Deus tem um sonho acerca do homem, o homem tem um sonho acerca da máquina; e a máquina tem um sonho acerca de Deus” (p. 63).

Ressalta um ponto importante nos três sonhos: o fracasso dos sonhadores e, como resultado, os resíduos que são matéria prima para novos sonhos.

A leitura do livro chega às últimas páginas, e é necessário refletir sobre esses sonhos com todo o cuidado, principalmente sobre o fracasso do sonho da máquina: “...poderíamos supor que no sonho a máquina teria a respeito de Deus, Deus também não sai como produto final tão perfeito como a máquina imaginou” (p. 64).

A metáfora é pertinente num momento em que a tecnologia atinge níveis altos de avanços com clonagens e robôs que respondem a estímulos, sorrindo, além de um cotidiano de inovações constantes.

Kamper pergunta: "Qual seria o sonho atual?" Poderíamos indagar também sobre quem estaria sonhando, hoje, desde que esse *quem* fosse ampliado para outras leituras semióticas das máquinas, como sugerem Guattari e Delleuze.

Fica para a conclusão o questionamento sobre a liberdade que o trabalho traz às pessoas.

Tra(i)ria é o tempo certo do verbo, já que, com a flexibilização e redução das jornadas, além do toyotismo e outras formas de compor o trabalho, a liberdade praticamente deixou de ser uma busca através do trabalho. Ao contrário, este é que passou mais e mais a ser buscado pela diminuição e fechamento dos postos de trabalho em todo o mundo. Assim, a liberdade do homem pelo trabalho foi traída e, hoje, fala-se em liberdade dentro da dominação hegemônica da globalização.

O contato com as reflexões de Kamper é uma surpresa agradável. Faz-nos pensar na "ainda possibilidade" do homem diante da história.

Paulo Celso da Silva

Professor do Curso de Filosofia da UNISO